

A INFLUÊNCIA DOS MAÇONS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: O maçom como agente civilizatório na hipermodernidade digital

THE INFLUENCE OF FREEMASONS IN CONTEMPORARY SOCIETY: The freemason as a civilizing agent in digital hypermodernity

Iomar Araújo Rodrigues¹

RESUMO: O presente artigo científico propõe uma análise filosófica, sociológica e civilizatória da influência da Maçonaria na sociedade contemporânea, especialmente no contexto da hipermodernidade digital e da aceleração informacional. A pesquisa fundamenta-se em metodologia qualitativa, hermenêutica simbólica e revisão bibliográfica crítica, articulando a tradição filosófica do Rito Escocês Antigo e Aceito (REAA), especialmente sob a ótica do Grau 33°, com aportes sociológicos contemporâneos, notadamente as teorias da modernidade líquida e da hipermodernidade. Investiga-se a hipótese central de que o maçom contemporâneo, formado por uma pedagogia iniciática simbólica, atua como agente civilizatório silencioso em uma sociedade marcada pela fragmentação axiológica, hiperconectividade digital e crise de referenciais éticos. O estudo demonstra que a influência maçônica não se manifesta por protagonismo institucional, mas por densidade ética, formação moral e responsabilidade civilizatória, evidenciando a atualidade da filosofia iniciática do REAA como matriz de equilíbrio social na era digital.

Palavras-chave: Maçonaria. REAA. Civilização. Hipermodernidade. Sociologia Contemporânea. Filosofia Iniciática. Ética Civilizatória.

ABSTRACT: This scientific article presents a philosophical, sociological, and civilizational analysis of Freemasonry's influence in contemporary society, particularly within the context of digital hypermodernity and informational acceleration. The research adopts a qualitative, symbolic-hermeneutic and critical bibliographic methodology, integrating the initiatic philosophy of the Ancient and Accepted Scottish Rite (AASR), especially from the perspective of the 33rd Degree, with contemporary sociological theories such as liquid modernity and hypermodern society. The central hypothesis argues that the contemporary Mason, shaped by symbolic initiatic pedagogy, operates as a discreet civilizational agent in a society characterized by axiological fragmentation, digital hyperconnectivity and ethical disorientation. The study concludes that Masonic influence is not institutional or ostentatious, but ethical, structural and civilizational, contributing to moral leadership, symbolic self-formation and social equilibrium in the 21st century.

Keywords: Masonry. REAA. Civilization. Hypermodernity. Contemporary Sociology. Initiatory Philosophy. Civilizing Ethics.

¹ Membro da Loja Renascença n.º 40, jurisdicionada a Grande Loja Maçônica do Estado do Maranhão. E-mail: iomar.adv@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A Maçonaria, enquanto instituição iniciática de natureza filosófica e simbólica, constitui uma das mais duradouras escolas de formação moral da civilização ocidental, estruturando-se não como organização meramente associativa, mas como tradição pedagógica voltada ao aperfeiçoamento integral do ser humano. Sua epistemologia simbólica, fundada na alegoria, no rito e na disciplina ética, permite compreendê-la como um sistema de formação civilizatória que transcende dimensões institucionais formais e se projeta no campo da ética social e da consciência histórica.

Albert G. Mackey define a Maçonaria como um sistema de moral velado por alegorias e ilustrado por símbolos, destinado ao aperfeiçoamento do caráter humano, concepção que revela sua essência pedagógica e não meramente ritualística. Tal definição permite interpretar a instituição como uma escola ética iniciática cuja finalidade central reside na construção do sujeito moral consciente. Na contemporaneidade, marcada pela transição da modernidade sólida para a hipermodernidade líquida, conforme analisado por Zygmunt Bauman, observa-se um processo de dissolução de referenciais normativos estáveis, gerando insegurança axiológica, relativismo moral e fragilidade identitária. Nesse cenário, instituições formadoras de consciência ética assumem relevância renovada, especialmente aquelas que operam por meio da interiorização simbólica do conhecimento, como ocorre na tradição iniciática maçônica.

A sociedade hipermoderna, caracterizada pela hiperconectividade digital, aceleração informacional e cultura da exposição permanente, produz um paradoxo civilizatório: ampliação do acesso ao conhecimento concomitante à superficialidade cognitiva e à fragmentação da reflexão crítica. Nesse contexto, a pedagogia simbólica do REAA apresenta-se como contraponto epistemológico relevante, ao priorizar o autoconhecimento, a disciplina moral e a responsabilidade ética como fundamentos da evolução humana.

Assim, emerge a problemática científica central deste estudo: Qual é a natureza da influência da Maçonaria na sociedade contemporânea hipermoderna, e em que medida o maçom pode ser compreendido como agente civilizatório no século XXI?

A hipótese sustentada é que a influência maçônica contemporânea é predominantemente ética, simbólica e estrutural, manifestando-se por meio da formação de lideranças conscientes, da interiorização moral e da atuação civilizatória

silenciosa, especialmente sob a ótica filosófica dos graus superiores do Rito Escocês Antigo e Aceito.

2. METODOLOGIA CIENTÍFICA E HERMENÊUTICA INICIÁTICA

A presente pesquisa adota abordagem qualitativa, com natureza bibliográfica, filosófica e hermenêutica simbólica, método particularmente adequado à análise de tradições iniciáticas cujos conteúdos são expressos por meio de linguagem alegórica e simbólica. Diferentemente de abordagens positivistas estritas, a hermenêutica iniciática permite interpretar os símbolos maçônicos como estruturas de significado ético e civilizatório, e não meramente como elementos ritualísticos.

O método hermenêutico aplicado fundamenta-se na interpretação crítica de obras clássicas do pensamento maçônico, especialmente Albert Pike, Albert G. Mackey e J. M. Ragon, articuladas com referenciais sociológicos contemporâneos, como Bauman e Lipovetsky, a fim de estabelecer um diálogo interdisciplinar entre tradição iniciática e teoria social moderna.

Além disso, adota-se uma perspectiva epistemológica integradora, na qual a filosofia iniciática do REAA é analisada não apenas como tradição esotérica, mas como sistema simbólico de formação moral com impactos sociológicos relevantes. Tal abordagem permite compreender a Maçonaria como instituição civilizatória de longa duração histórica, cuja influência se manifesta por meio da formação interior do indivíduo e da construção ética da coletividade.

A análise metodológica também incorpora a leitura progressiva dos graus filosóficos do REAA como estrutura pedagógica de aperfeiçoamento humano, possibilitando uma interpretação aprofundada do papel do maçom do Grau 33° como arquétipo do agente civilizatório contemporâneo.

3. REVISÃO DE LITERATURA: TRADIÇÃO INICIÁTICA E TEORIA SOCIAL CONTEMPORÂNEA

A revisão de literatura deste estudo fundamenta-se em um duplo eixo epistemológico: (i) a tradição filosófico-iniciática do pensamento maçônico clássico e (ii) os aportes da sociologia contemporânea voltada à compreensão da hipermodernidade. Tal articulação não se configura como mera justaposição teórica, mas como diálogo hermenêutico entre duas matrizes interpretativas do fenômeno civilizatório: a simbólica e a sociológica.

No campo do pensamento maçônico clássico, Albert G. Mackey estabelece uma das definições mais consistentes da Maçonaria ao descrevê-la como um sistema de moral velado por alegorias e

ilustrado por símbolos, destinado à formação do caráter humano. Essa formulação desloca a compreensão da Maçonaria do campo institucional para o campo pedagógico e filosófico, evidenciando sua natureza como escola ética iniciática. Sob tal perspectiva, o simbolismo maçônico não deve ser interpretado como mera ornamentação ritual, mas como linguagem estruturante de formação moral progressiva.

Albert Pike, em sua obra *Morals and Dogma of the Ancient and Accepted Scottish Rite*, aprofunda essa concepção ao sustentar que os graus do Rito Escocês Antigo e Aceito constituem um itinerário filosófico de iluminação moral e intelectual. Para Pike, o processo iniciático não se limita à aquisição de conhecimento formal, mas implica uma transformação interior do sujeito, orientada pela razão, pela justiça e pela consciência ética universal. Assim, a pedagogia do REAA apresenta-se como uma arquitetura simbólica do aperfeiçoamento humano, em que cada grau representa uma etapa de maturação moral e civilizatória.

J. M. Ragon, ao analisar a tradição iniciática sob perspectiva histórico-simbólica, associa a Maçonaria aos antigos mistérios iniciáticos, destacando sua função como depositária de uma pedagogia moral estruturada em símbolos, ritos e alegorias. Essa vinculação com tradições iniciáticas mais antigas reforça a ideia de continuidade civilizatória, na qual a Maçonaria se configura como uma instituição de transmissão simbólica de valores éticos universais.

No contexto brasileiro, Rizzardo da Camino enfatiza a relevância da Maçonaria como escola de formação moral e cívica, destacando sua contribuição histórica na construção da consciência ética e institucional. Kennoy Ismail, por sua vez, interpreta a Maçonaria contemporânea como uma escola de autoconhecimento e liderança ética, particularmente relevante em contextos sociais marcados por instabilidade axiológica e crise de sentido existencial.

Entretanto, para compreender a influência da Maçonaria na sociedade contemporânea, torna-se indispensável dialogar com a teoria social moderna. Zygmunt Bauman, ao desenvolver o conceito de modernidade líquida, descreve uma sociedade caracterizada pela fluidez das relações, pela fragilidade das instituições e pela instabilidade dos valores. Nesse cenário, estruturas tradicionais de formação moral perdem centralidade, gerando um vácuo ético que impacta diretamente a construção da identidade social.

Gilles Lipovetsky, ao tratar da hipermodernidade, aprofunda essa análise ao afirmar que a sociedade contemporânea é marcada pela hiperindividualização, aceleração do tempo social e intensificação da cultura do consumo simbólico. A

hipermodernidade não elimina os valores éticos, mas os relativiza, deslocando o eixo da responsabilidade coletiva para a satisfação individual imediata. Tal transformação sociológica gera um ambiente propício à superficialidade reflexiva e à fragmentação da consciência moral.

Nesse contexto, a tradição iniciática maçônica adquire relevância teórica renovada, pois oferece uma pedagogia centrada na interiorização do conhecimento, na disciplina ética e na responsabilidade social, em contraste com a lógica hipermoderna da exteriorização constante do eu. A literatura especializada permite, portanto, compreender a Maçonaria não apenas como instituição histórica, mas como matriz filosófica de resistência ética diante da volatilidade axiológica contemporânea.

4. FUNDAMENTAÇÃO FILOSÓFICA DO REAA: UMA PEDAGOGIA SIMBÓLICA DO APERFEIÇOAMENTO HUMANO

A fundamentação filosófica do Rito Escocês Antigo e Aceito deve ser compreendida como uma estrutura pedagógica progressiva, orientada à formação moral, intelectual e civilizatória do iniciado. Diferentemente de sistemas meramente doutrinários, o REAA organiza seu ensino por meio de graus simbólicos e filosóficos que representam etapas de desenvolvimento da consciência ética.

Sob perspectiva hermenêutica, os graus do REAA constituem uma arquitetura iniciática do aperfeiçoamento humano, em que cada etapa amplia a compreensão do sujeito acerca de si mesmo, da sociedade e da ordem universal. Essa progressividade pedagógica revela uma concepção filosófica profundamente alinhada às tradições clássicas do humanismo ético e da filosofia moral.

4.1. Os Graus Simbólicos (1º ao 3º): Epistemologia Moral do Iniciado

Os graus simbólicos representam a base epistemológica da formação iniciática, estruturando o processo de autoconhecimento e disciplina moral. O Grau de Aprendiz simboliza o início da construção interior, marcado pelo trabalho sobre a Pedra Bruta, metáfora do aperfeiçoamento do caráter humano. Tal simbolismo revela uma concepção filosófica segundo a qual a transformação social autêntica depende do aprimoramento interior do indivíduo.

O Grau de Companheiro amplia essa dimensão ao introduzir a ideia de progresso intelectual e racionalidade ética, enfatizando o estudo, a reflexão e a construção do pensamento crítico. Já o Grau de Mestre Maçom simboliza a consciência da finitude humana e a responsabilidade moral perante a coletividade, consolidando a dimensão ética da formação iniciática.

Sob análise filosófica, esses graus estabelecem uma pedagogia moral progressiva que antecede qualquer atuação social do iniciado, indicando que a verdadeira influência civilizatória decorre, primordialmente, da formação interior.

4.2. Os Graus Capitulares (4º ao 14º): Interiorização Simbólica e Consciência Ética

Os graus capitulares aprofundam a interiorização simbólica do conhecimento iniciático, deslocando o foco do aprendizado externo para a reflexão interior. Nessa etapa, o iniciado é conduzido à compreensão de valores como justiça, verdade, equilíbrio e responsabilidade moral.

Albert Pike interpreta esses graus como etapas de iluminação intelectual, nas quais o simbolismo assume função filosófica e não meramente ritualística. A alegoria torna-se instrumento de introspecção, permitindo que o iniciado desenvolva discernimento crítico e consciência ética refinada.

Do ponto de vista sociológico, essa interiorização simbólica representa um contraponto à cultura contemporânea da superficialidade informacional, na qual o excesso de estímulos externos compromete a profundidade reflexiva do sujeito.

4.3. Os Graus Filosóficos (15º ao 30º): Responsabilidade Civilizatória e Justiça Universal

Os graus filosóficos do REAA introduzem uma dimensão explicitamente civilizatória na formação iniciática. Nessa etapa, o iniciado é orientado à compreensão de princípios universais de justiça, liberdade e responsabilidade social, consolidando uma ética que transcende interesses individuais.

A filosofia desses graus enfatiza a relação entre conhecimento e responsabilidade, estabelecendo que a sabedoria adquirida deve ser orientada ao bem comum. Tal concepção aproxima-se de tradições filosóficas clássicas, especialmente do estoicismo e do humanismo ético, ao valorizar a virtude como fundamento da ação social.

Sob análise contemporânea, esses graus podem ser interpretados como formação de uma consciência civilizatória, na qual o indivíduo passa a compreender seu papel na construção ética da sociedade.

4.4. Os Graus 31º e 32º: Consciência Ética Universal e Juízo Moral

Nos graus 31º e 32º, observa-se uma consolidação da consciência ética universal do iniciado. A justiça deixa de ser compreendida apenas como norma social e passa a ser interpretada como princípio moral superior, orientador da conduta humana em todas as esferas da vida.

Essa etapa filosófica enfatiza o juízo moral, a responsabilidade ética e a prudência decisória, características essenciais para a atuação do indivíduo em contextos sociais complexos, especialmente na sociedade hipermoderna, marcada por dilemas éticos e ambiguidade normativa.

4.5. O Grau 33º: Arquétipo do Agente Civilizatório Contemporâneo

O Grau 33º do Rito Escocês Antigo e Aceito representa a culminância filosófica da formação iniciática, simbolizando não um status hierárquico meramente honorífico, mas uma responsabilidade ética e civilizatória ampliada. Sob interpretação hermenêutica, o maçom desse grau configura-se como arquétipo do agente civilizatório, comprometido com a promoção da justiça, da sabedoria e da harmonia social.

Albert Pike sustenta que os graus superiores do REAA conduzem à compreensão da fraternidade universal como princípio civilizatório, indicando que o verdadeiro iniciado deve atuar como mediador ético na sociedade. Essa concepção revela uma dimensão filosófica profundamente atual, especialmente em contextos marcados por polarização social, crise ética e fragmentação cultural.

Na sociedade hipermoderna, caracterizada pela hiperexposição digital e pela volatilidade axiológica, o arquétipo do Grau 33º adquire relevância singular. O iniciado, formado por uma pedagogia simbólica de autodomínio, disciplina moral e responsabilidade social, apresenta-se como sujeito capaz de equilibrar razão, ética e consciência civilizatória.

Assim, a fundamentação filosófica do REAA não deve ser interpretada apenas como tradição iniciática, mas como um sistema de formação moral estruturado, cuja finalidade última reside na construção de indivíduos eticamente conscientes e civilizatoriamente responsáveis, aptos a atuar de forma equilibrada em contextos sociais complexos e instáveis.

5. O MAÇOM COMO AGENTE CIVILIZATÓRIO NA HIPERMODERNIDADE DIGITAL

A compreensão do maçom como agente civilizatório na hipermodernidade digital exige a articulação entre filosofia iniciática, sociologia contemporânea e teoria da civilização. Diferentemente de abordagens reducionistas que limitam a análise da Maçonaria ao campo ritualístico ou histórico, a presente perspectiva a interpreta como instituição simbólica de formação ética, cuja influência se projeta na estrutura moral da sociedade contemporânea.

A hipermodernidade, conforme analisada por Gilles Lipovetsky, caracteriza-se pela intensificação da individualização, aceleração do tempo social e expansão das tecnologias digitais que reorganizam as formas de interação humana. Tal contexto produz uma sociedade marcada pela simultaneidade informacional, pela volatilidade das referências éticas e pela hiperexposição identitária. Nesse ambiente, a formação interior do indivíduo

torna-se progressivamente fragilizada, uma vez que a lógica algorítmica das redes sociais privilegia a instantaneidade, a superficialidade e a validação externa em detrimento da reflexão profunda.

Sob a ótica da filosofia iniciática do REAA, o processo de aperfeiçoamento humano ocorre em direção oposta à lógica hipermoderna: privilegia-se a interiorização do conhecimento, o silêncio reflexivo, a disciplina moral e o autodomínio. O simbolismo do V.I.T.R.I.O.L. — “*Visita Interiora Terrae Rectificando Invenies Occultum Lapidem*” — adquire, nesse contexto, notável atualidade filosófica, pois propõe o retorno ao interior como caminho de reencontro com a verdade e com a consciência ética.

Zygmunt Bauman, ao conceituar a modernidade líquida, observa que as instituições sólidas de formação moral perderam centralidade, sendo substituídas por estruturas fluidas e instáveis. Tal liquidez social gera insegurança existencial, fragilidade identitária e relativização dos valores éticos. Nesse cenário, o maçom, formado por uma pedagogia simbólica de longa duração, emerge como sujeito dotado de estabilidade axiológica, capaz de atuar com prudência, equilíbrio e responsabilidade social.

A atuação civilizatória do maçom não se manifesta por protagonismo público ostensivo, mas por influência ética estrutural. Trata-se de uma influência silenciosa, orientada pela formação moral contínua, pela promoção da fraternidade e pela construção simbólica da harmonia social. Em termos sociológicos, essa atuação pode ser compreendida como uma forma de liderança ética discreta, cuja legitimidade decorre do exemplo moral e da coerência entre pensamento e ação.

Além disso, a cultura digital contemporânea intensifica fenômenos como polarização discursiva, desinformação e superficialidade cognitiva. A filosofia maçônica, ao valorizar a razão, o equilíbrio e a busca da verdade, oferece um paradigma ético relevante para a elevação do debate público e para a reconstrução da racionalidade social. Nesse sentido, o maçom contemporâneo, especialmente nos graus filosóficos do REAA, é chamado a exercer discernimento crítico frente à avalanche informacional característica da sociedade em rede. A pedagogia iniciática, estruturada na progressividade simbólica dos graus, desenvolve competências éticas que se revelam particularmente necessárias na hipermodernidade: autocontrole, responsabilidade discursiva, prudência decisória e consciência social. Tais atributos configuram o perfil do agente civilizatório, entendido como indivíduo que contribui para a estabilidade moral da sociedade por meio da formação interior e da atuação ética cotidiana.

Portanto, a figura do maçom na hipermodernidade digital não deve ser interpretada como agente de

poder institucional, mas como agente de equilíbrio civilizatório, cuja influência se manifesta na formação ética das relações sociais, na promoção da tolerância e na preservação de valores universais em um contexto de acelerada transformação cultural.

6. MAÇONARIA, SOCIEDADE E ÉTICA NA ERA DAS REDES SOCIAIS

A ascensão das redes sociais constitui um dos fenômenos sociológicos mais significativos do século XXI, redefinindo as formas de comunicação, construção identitária e interação social. A digitalização da vida cotidiana produziu uma cultura de visibilidade permanente, na qual o reconhecimento social passa a ser mediado por métricas de engajamento e validação simbólica externa.

Sob a perspectiva filosófica, esse cenário gera uma tensão entre exteriorização e interiorização do sujeito. Enquanto a cultura digital incentiva a projeção contínua da imagem pessoal, a tradição iniciática maçônica enfatiza a introspecção, o silêncio reflexivo e o autoconhecimento como fundamentos do aperfeiçoamento humano. Tal contraposição revela uma dimensão crítica da filosofia iniciática frente à cultura hipermoderna.

Do ponto de vista ético, as redes sociais amplificam tanto o acesso ao conhecimento quanto a disseminação de desinformação e discursos polarizados. A ausência de filtros epistemológicos sólidos contribui para a fragmentação do pensamento crítico e para a erosão do diálogo racional. Nesse contexto, a formação intelectual do maçom, orientada pelo estudo, pela reflexão e pela busca da verdade, apresenta-se como instrumento de resistência ética frente à superficialidade informacional.

A filosofia maçônica valoriza a palavra ponderada, a escuta ativa e o respeito ao pluralismo de ideias, princípios que se mostram especialmente relevantes em ambientes digitais marcados pela radicalização discursiva. A postura iniciática orienta o indivíduo à prudência comunicacional, evitando julgamentos precipitados e promovendo a construção de diálogos construtivos.

Além disso, a lógica das redes sociais tende a estimular reações emocionais imediatas, enquanto a pedagogia simbólica do REAA promove o domínio das paixões e o equilíbrio emocional. Tal formação psicológica revela-se fundamental para a atuação ética em ambientes digitais complexos, nos quais a impulsividade discursiva frequentemente substitui a reflexão crítica.

Sob análise sociológica, pode-se afirmar que a Maçonaria oferece um modelo contra-hegemônico de comportamento na sociedade hipermoderna: em vez da hiperexposição, propõe a discrição; em

vez da superficialidade, promove a profundidade reflexiva; em vez do individualismo exacerbado, incentiva a fraternidade e a responsabilidade social.

Assim, a relação entre Maçonaria e redes sociais não deve ser compreendida como antagonismo tecnológico, mas como diálogo ético. A tradição iniciática não rejeita a modernidade digital, mas orienta sua utilização consciente, equilibrada e responsável, alinhada aos princípios de verdade, justiça e fraternidade universal.

7. MAÇONARIA E CIVILIZAÇÃO: UMA ANÁLISE FILOSÓFICA AVANÇADA

A análise filosófica da Maçonaria sob a perspectiva civilizatória permite compreendê-la como instituição simbólica de longa duração histórica, cuja finalidade transcende o contexto associativo e se insere no processo de formação ética das civilizações. A civilização, em sua dimensão filosófica, não se reduz ao progresso material ou tecnológico, mas envolve o desenvolvimento moral, cultural e espiritual da humanidade.

Nesse sentido, a Maçonaria pode ser interpretada como uma pedagogia simbólica da civilização, estruturada na formação do indivíduo como sujeito ético consciente. A construção do Templo interior, metáfora central do simbolismo maçônico, representa o processo de aperfeiçoamento moral que antecede qualquer transformação social autêntica.

A tradição filosófica iniciática dialoga, implicitamente, com correntes clássicas do pensamento humanista, ao afirmar que a evolução da sociedade depende da elevação moral do indivíduo. Tal concepção aproxima-se da ética das virtudes, segundo a qual o desenvolvimento do caráter constitui fundamento essencial da ordem social justa.

Mircea Eliade, ao estudar os ritos iniciáticos, destaca que a iniciação representa um processo de transformação ontológica do sujeito, conduzindo-o a um novo nível de consciência. Aplicada à filosofia maçônica, essa perspectiva permite compreender o percurso iniciático como processo de reconfiguração ética do indivíduo, orientado à responsabilidade civilizatória.

O simbolismo do REAA, ao integrar elementos filosóficos, morais e espirituais, constitui um sistema complexo de formação humana que promove a integração entre razão, ética e consciência universal. Essa integração revela-se particularmente relevante em sociedades contemporâneas marcadas por fragmentação epistemológica e crise de sentido existencial.

Ademais, a dimensão civilizatória da Maçonaria manifesta-se na promoção de valores universais como liberdade, igualdade, fraternidade, tolerância

e justiça, princípios que historicamente contribuíram para a construção de instituições sociais mais equilibradas. Embora sua atuação seja discreta, seu impacto filosófico é estrutural, influenciando a formação de consciências éticas ao longo das gerações.

Sob perspectiva hermenêutica avançada, a Maçonaria pode ser compreendida como uma tradição metapolítica, isto é, uma instituição que influencia a civilização não por meio do poder institucional direto, mas pela formação moral e intelectual dos indivíduos que compõem a sociedade. Tal influência qualitativa distingue-se de modelos de intervenção social ostensivos, evidenciando uma atuação baseada na interiorização ética e na responsabilidade civilizatória.

8. A INFLUÊNCIA DOS MAÇONS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: UMA ABORDAGEM FILOSÓFICA, SOCIOLÓGICA E CIVILIZATÓRIA

A análise da influência dos maçons na sociedade contemporânea exige o afastamento de leituras reducionistas que associam tal influência a formas explícitas de poder institucional ou protagonismo público. Ao contrário, a tradição maçônica caracteriza-se historicamente por uma atuação discreta, ética e estrutural, cuja incidência se dá primordialmente no campo da formação moral, do pensamento crítico e da construção civilizatória de longo prazo.

Sob perspectiva filosófica, a Maçonaria não se apresenta como um agente político convencional, mas como uma escola iniciática de aperfeiçoamento humano, orientada pela formação do caráter, pela disciplina ética e pela busca da verdade. Albert G. Mackey define a instituição como um sistema de moral velado por alegorias e ilustrado por símbolos, concepção que evidencia sua função pedagógica e civilizatória. Nesse sentido, a influência maçônica deve ser compreendida menos como ação externa e mais como transformação interior do indivíduo, que posteriormente se projeta na vida social.

Na contemporaneidade, marcada pela hipermodernidade digital, pela aceleração das relações sociais e pela relativização dos valores éticos, observa-se um cenário de fragilidade axiológica e de crise de referenciais morais. Zygmunt Bauman, ao tratar da modernidade líquida, destaca a dissolução das estruturas tradicionais de estabilidade ética, o que gera insegurança social e volatilidade identitária. Nesse contexto, instituições formadoras de consciência moral adquirem renovada relevância, especialmente aquelas que operam por meio da interiorização simbólica e da disciplina ética, como a Maçonaria.

A influência dos maçons manifesta-se, portanto, de forma qualitativa e não quantitativa. Trata-se de uma influência que se projeta na formação de lideranças éticas, na promoção da racionalidade crítica e na consolidação de valores universais como liberdade, igualdade, fraternidade, justiça e tolerância. Diferentemente de modelos de influência baseados na visibilidade midiática, a tradição iniciática valoriza a discricção, o autocontrole e a coerência moral como fundamentos da atuação social do iniciado.

No campo sociológico, pode-se afirmar que a Maçonaria contribui para a construção de capital moral e simbólico na sociedade. Seus membros, formados por uma pedagogia progressiva de aperfeiçoamento interior, tendem a atuar em suas esferas profissionais — jurídica, educacional, administrativa, científica e social — com elevado senso de responsabilidade ética e consciência civilizatória. Assim, a influência maçônica não se concentra em uma estrutura organizacional centralizada, mas se difunde na sociedade por meio da atuação individual qualificada de seus integrantes.

No contexto brasileiro, a relevância histórica da Maçonaria evidencia-se em processos de formação institucional, educacional e filantrópica. Contudo, na sociedade contemporânea, sua influência desloca-se para dimensões mais sutis, especialmente na promoção da ética social, do diálogo racional e da fraternidade universal em ambientes marcados por polarização ideológica e fragmentação discursiva. Essa atuação silenciosa revela uma forma de influência civilizatória indireta, baseada na formação de consciências éticas e não na imposição de agendas institucionais.

A filosofia do Rito Escocês Antigo e Aceito (REAA), especialmente em seus graus filosóficos, reforça essa dimensão civilizatória ao estabelecer que o conhecimento adquirido pelo iniciado deve ser orientado ao bem comum e à harmonia social. Albert Pike sustenta que a verdadeira sabedoria implica responsabilidade moral e compromisso com a humanidade, o que confere ao maçom uma função ética ampliada na sociedade contemporânea.

Além disso, na era das redes sociais e da hiperexposição digital, a influência maçônica assume contornos ainda mais relevantes. A cultura hipermoderna privilegia a exteriorização constante da identidade, a reação imediata e a superficialidade cognitiva, enquanto a tradição iniciática promove introspecção, prudência e reflexão crítica. Tal contraste posiciona o maçom como um sujeito potencialmente equilibrador no tecido social, capaz de atuar com moderação, discernimento e responsabilidade discursiva em ambientes de elevada tensão simbólica e informacional.

Sob uma perspectiva civilizatória mais ampla, a influência dos maçons pode ser interpretada como a atuação de uma elite ética formativa, não no sentido aristocrático, mas no sentido filosófico de indivíduos comprometidos com o aperfeiçoamento humano e com a elevação moral da sociedade. A pedagogia simbólica da Pedra Bruta, central na tradição maçônica, representa precisamente esse compromisso com a melhoria contínua do indivíduo como fundamento da melhoria social.

Ademais, a influência maçônica contemporânea também se expressa na promoção de valores humanistas universais, especialmente a tolerância religiosa, o pluralismo de ideias, a liberdade de consciência e o respeito à dignidade humana. Em um mundo marcado por radicalizações e conflitos identitários, tais princípios configuram-se como pilares essenciais para a estabilidade civilizatória e para a convivência democrática.

Outro aspecto relevante reside na dimensão filantrópica e social historicamente associada à atuação maçônica. Ainda que muitas dessas ações não sejam amplamente divulgadas, elas refletem um compromisso ético com o bem-estar coletivo, evidenciando que a influência maçônica se materializa também na prática social concreta, por meio de iniciativas educacionais, assistenciais e culturais.

Por fim, sob a ótica hermenêutica iniciática, a influência dos maçons na sociedade contemporânea deve ser compreendida como uma influência estrutural de natureza ética, simbólica e civilizatória. O maçom, formado por uma pedagogia filosófica progressiva, torna-se um agente de equilíbrio moral em contextos sociais complexos, contribuindo para a construção de uma cultura baseada na razão, na justiça e na fraternidade.

Conclui-se, portanto, que a influência maçônica na sociedade contemporânea não se manifesta por meio de hegemonia institucional ou visibilidade política direta, mas por meio da formação interior do indivíduo, da liderança ética silenciosa e da difusão de valores universais que sustentam o progresso civilizatório. Trata-se de uma influência qualitativa, duradoura e estrutural, cuja relevância se intensifica precisamente em épocas de crise moral, volatilidade social e transformação cultural acelerada, como a observada na sociedade hipermoderna do século XXI.

9. CONCLUSÃO CRÍTICA E CIVILIZATÓRIA

A presente investigação científica demonstrou que a influência da Maçonaria na sociedade contemporânea deve ser compreendida sob uma perspectiva filosófica, ética e civilizatória, e não meramente institucional ou histórica. Em um contexto marcado pela hipermodernidade digital, pela aceleração informacional e pela fragmentação

axiológica, a tradição iniciática do Rito Escocês Antigo e Aceito revela notável atualidade como sistema de formação moral e intelectual.

A análise da literatura clássica maçônica, articulada com a teoria sociológica contemporânea, permitiu sustentar a hipótese central de que o maçom contemporâneo configura-se como agente civilizatório silencioso, cuja influência se manifesta por meio da formação ética, do equilíbrio racional e da responsabilidade social. Tal atuação não se orienta pela visibilidade pública, mas pela profundidade moral e pela coerência entre princípios e conduta.

A fundamentação filosófica do REAA, especialmente em sua culminância no Grau 33°, evidencia uma pedagogia simbólica voltada à formação de lideranças éticas conscientes, capazes de atuar com prudência, discernimento e compromisso com o bem comum. Essa formação progressiva, estruturada nos graus iniciáticos, constitui uma arquitetura pedagógica do aperfeiçoamento humano que dialoga diretamente com os desafios éticos da sociedade contemporânea.

Na sociedade hipermoderna, caracterizada pela hiperconectividade digital e pela volatilidade dos valores, a filosofia iniciática apresenta-se como paradigma de estabilidade axiológica, promovendo interiorização reflexiva, autodomínio e responsabilidade civilizatória. A simbologia do V.I.T.R.I.O.L. revela-se particularmente pertinente nesse cenário, ao propor o autoconhecimento como fundamento do equilíbrio psicológico e ético em um mundo marcado pela exteriorização constante da identidade.

Conclui-se, portanto, que a Maçonaria, enquanto instituição iniciática, filosófica e civilizatória, mantém relevância substancial no século XXI, especialmente no contexto brasileiro e global, ao contribuir para a formação de consciências éticas, a promoção da fraternidade universal e a construção simbólica de uma civilização mais justa, equilibrada e consciente. Sua influência, embora discreta, é estrutural e qualitativa, configurando-se como vetor de aperfeiçoamento humano e de harmonização social em uma era de profundas transformações culturais e tecnológicas.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CAMINO, Rizzardo da. **A Maçonaria e sua Filosofia**. São Paulo: Madras, 2006.

ELIADE, Mircea. **Ritos e Símbolos de Iniciação**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ISMAIL, Kenryo. **Introdução à Maçonaria**. Brasília: 2018.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Era do Vazio**. Barueri: Manole, 2005.

MACKEY, Albert G. **The Symbolism of Freemasonry**. New York: 1869.

PIKE, Albert. **Morals and Dogma of the Ancient and Accepted Scottish Rite**. Charleston: 1871.

RAGON, J. M. **Ortodoxia Maçônica**. São Paulo: Pensamento, 2012.